



SÉTIMO ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA  
EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA



História da Educação Matemática nos caminhos do  
mundo digital e da democratização do conhecimento

## A Presença dos Problemas Aritméticos na Revista do Ensino de Minas Gerais (1925-1927)

The Presence of Arithmetic Problems in the Minas Gerais Teaching Journal (1925-1927)

*Robert Rene Michel Junior<sup>1</sup>*

*David Antonio da Costa<sup>2</sup>*

### Resumo

Esta comunicação está filiada aos estudos históricos da Educação Matemática e associada ao Grupo de Pesquisa de História da Educação Matemática – Santa Catarina (GHEMAT–SC). O objetivo deste texto visa discutir a presença dos problemas aritméticos na Revista do Ensino de Minas Gerais no recorte temporal de 1925 a 1927. Como aporte teórico metodológico, utilizam-se os estudos respaldados na História Cultural, na Cultura Escolar e nos conhecimentos oriundos desta cultura, relacionados ao ensino de matemática. As fontes utilizadas nesta investigação são artigos referentes à Revista do Ensino de Minas Gerais dos anos de 1925 a 1927. A partir da análise das fontes, constata-se dois principais focos para o ensino de aritmética nos artigos desse periódico: o ensino pelo Método de Projetos e as orientações das Lições de Aritmética de Vitalia Campos. Identificam-se, ao longo da análise dos artigos, diferentes representações para o ensino de problemas aritméticos. Em certos momentos, verificam-se os problemas como aplicação dos conteúdos vinculados à vida prática dos alunos. De outro modo, aparecem de forma oral como meio de ensinar aritmética, mas também, ao final, como forma de verificação do conteúdo estudado, oportunizando o desenvolvimento do raciocínio dos alunos.

**Palavras-chave:** Problemas Aritméticos; Revista do Ensino; Minas Gerais; Método de Projetos; Escola Nova.

---

<sup>1</sup>Mestre em Educação Matemática pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica da Universidade Federal de Santa Catarina. É membro do Grupo de Pesquisa de História da Educação Matemática (GHEMAT-SC). E-mail: robertrene15@hotmail.com.

<sup>2</sup>Doutor em Educação Matemática pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Atualmente é professor adjunto do Departamento de Metodologia de Ensino e do Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica da Universidade Federal de Santa Catarina. É pesquisador líder do Grupo de Pesquisa de História da Educação Matemática (GHEMAT-SC). E-mail: prof.david.costa@gmail.com.

## Seção Introdutória

O presente artigo, recorte de uma tese de doutoramento em desenvolvimento, tem como objetivo discutir a presença dos problemas aritméticos na Revista do Ensino de Minas Gerais no recorte temporal de 1925 a 1927. Como questão norteadora, toma-se a seguinte interrogação: em que medida os problemas aritméticos publicados na Revista do Ensino se aproximam das novas referências pedagógicas brasileiras da época? A fim de responder tal indagação, utiliza-se como modo de produção historiográfica o referencial teórico respaldado na História Cultural, pois “[...] tal como entendemos, tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. Em virtude disso, a História Cultural abre horizontes para objetos de pesquisa de diferentes naturezas, sendo assim, àquelas diretamente relacionadas ao ensino (Chartier, 2002, pp. 16-17).

Dialogando com os preceitos da História Cultural, a Cultura Escolar propicia o estudo dos saberes específicos provenientes desta cultura, que, de acordo com Julia (2001, p. 10) o termo cultura escolar se conceitua como “um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos”. Os saberes e as normas escolares são assim produzidos a partir das relações políticas e sociais dos sujeitos imersos nessa cultura, ao longo dos tempos. Consequentemente, esta comunicação compreende os problemas aritméticos como conhecimentos específicos produzidos por uma cultura escolar específica, em um singular recorte espacial e temporal.

A escolha da revista, como fonte principal, baseia-se na importância deste documento, pois, de acordo com Biccás (2008), a Revista do Ensino era tratada como uma das principais ferramentas de divulgação de novas ideias educacionais ao professorado mineiro, como também, um instrumento de formação profissional deste referido público.

Em estudos recentes sobre ensino de problemas aritméticos, Bertini e Souza (2021) apontam diferentes representações sobre a configuração dos problemas, em tempos de Escola Nova, tomando como fontes as revistas de ensino paulistas. Em determinados artigos, os problemas são compreendidos como conteúdo a ser

ensinado. Entretanto, a partir da análise de outras produções, as autoras tratam dos problemas aritméticos, não só um meio de introduzir o conteúdo, mas apresentam dados que se relacionam com a vida prática dos alunos.

Outro ponto importante destacado é o que traz a separação dos elementos *exercícios* e *problemas*. Segundo Bertini e Souza (2021 p. 16) “O exercício demonstrava estar cada vez mais relacionado à utilização da memória, da repetição e da exercitação da mente, já os problemas estariam mais associados ao refinamento do raciocínio”.

Michel Jr. e Costa (2024), a partir de um estudo respaldado na metodologia do Estado do Conhecimento, analisam produções acadêmicas como teses, dissertações e artigos científicos publicados entre 2010 e 2022. Suas análises apontam, de acordo com os estudos selecionados, modificações sobre definições e finalidades dos problemas aritméticos desde as marcas do ensino tradicional, perpassando ainda sobre as vagas pedagógicas do Método Intuitivo, Escola Nova, Movimento da Matemática Moderna, e de estudos provenientes do campo da Educação Matemática. Os autores corroboram com Bertini e Souza (2021), na medida em que indicam que os problemas aritméticos tomam características específicas da Escola Nova, como o ensino vinculado a elementos de interesse do estudante. Os problemas eram vistos, ora como um meio de introdução do conteúdo de ensino, ora como um elemento de finalização e reforço dos estudos.

Desse modo, justifica-se a escolha da temporalidade histórica deste artigo, considerando o ano de 1925 a data inicial das publicações da Revista do Ensino de Minas Gerais. De imediato, foi escolhido o ano de 1927 para finalização das reflexões, pois se configura o ano anterior à reformulação do ensino primário realizada por Francisco Campos. Logo, este texto apresenta as impressões iniciais dos problemas aritméticos nos primeiros números da Revista do Ensino que culminaram em divulgar algumas das diretrizes das pedagogias modernas em solo mineiro, referências dos movimentos educacionais do Método Intuitivo e da Escola Nova.

## Os Problemas Aritméticos na revista mineira no ano de 1925

No primeiro ano de circulação e divulgação da Revista do Ensino, há referência de quatro artigos que fazem menção ao ensino de aritmética junto à presença dos problemas.

As primeiras lições que referendavam os problemas aritméticos se respaldavam no Método de Projetos. Uma primeira publicação nessa temática introduziria, aos professores da rede de ensino de Minas Gerais, prescrições sobre a utilização do Método de Projetos para o ensino primário. A redação do texto intitulado “Methodo Projecto”, sem autoria divulgada, expõe um “novo” método da época, que teria sido implementado nas escolas alemãs e estadunidenses. Os projetos tinham a intencionalidade de substituir o ensino isolado das matérias sem nenhuma relação educacional e aplicações práticas, para um método que relacionasse diferentes matérias através de um tema central que subsidiaria discussões diversificadas. Essa relação da ideia construtora de conhecimento com uma unidade temática representava a concepção do ensino por meio dos projetos (*Methodo Projecto*, 1925).

Este método estava ligado diretamente às concepções escolanovistas de Dewey, respaldadas nos estudos teóricos ligados à Filosofia e à Psicologia da Educação, estudos estes que projetavam uma ruptura ao ensino tradicional e propunham o ensino centrado na criança e na experimentação. Uma possibilidade de aplicação curricular ficou a cargo de William Kilpatrick, a partir da sistematização do Método de Projetos (Bin, 2012).

Assim, alguns aspectos são destacados: a formação do raciocínio e não da memória; a busca da informação, tendo em vista realizações vivas do próprio educando; a proposta de experiências que estimulem os alunos a tirar conclusões; a necessidade de que a aprendizagem aconteça em ambiente natural. Há uma ideia de que os problemas apresentados aos alunos surjam de forma natural e sejam encaminhados com a mesma naturalidade com que resolvemos os problemas do cotidiano (Bin, 2012, p. 68).

Exemplos mais direcionados e aulas-modelo vieram posteriormente, na revista, para conduzir possíveis práticas docentes em Minas Gerais. A redação do artigo “Estudo do Japão” promove uma articulação do estudo desse país, vinculado à curiosidade infantil, perpassando por diversas matérias escolares. Para as aulas

de leitura, seriam lidos trechos de jornais, livros e revistas de informações que se relacionariam ao Japão. Em Língua Pátria, a composição de textos seria ligada à vida e costumes japoneses. Nessa direção, o ensino de aritmética se daria por meio da resolução de problemas relacionados à geografia econômica, física e industrial do país. Não há exemplos desta tipologia de problemas e nem o modo que seriam ensinados e solucionados com os alunos. Apenas, indica-se o tema geral da natureza do problema (*Estudo do Japão*, 1925).

Um segundo artigo, intitulado “Visita a uma casa em construção” explicita um estudo de diferentes matérias a partir de uma visita a uma construção civil. Quatro encontros eram delimitados, e cada um deles em diferentes momentos da construção. A primeira visita ocorreria no momento de construção dos alicerces do prédio. O segundo momento seria no instante da instalação de sua cobertura. A terceira visita aconteceria no momento da pintura do prédio, e o último encontro no momento da conclusão da obra. Indicava-se o estudo de geografia e história local, como também, a utilização de problemas de aritmética e geometria. A utilização dos problemas aritméticos era orientada por meio de discussão sobre as horas de trabalho dos funcionários, problemas sobre o salário, especialidade de cada operário e a dependência de uns com os outros para realização do seu ofício. Contudo, também não há exemplos de como elaborar tais problemas, apenas pequenas orientações eram explicitadas (*Visita a uma casa em construção*, 1925).

Traçando um panorama sobre o Método de Projetos, o artigo “Ensino de Geographia local e de Civismo” apresentava uma situação hipotética: um aluno se muda para outra cidade e seus colegas de classe deveriam lhe enviar mensagens. Indica-se uma série de orientações de como se trabalhar com esse tema. Para a aritmética, o objetivo se dava por meio de resolver problemas, onde “Varios problemas são resolvidos, tomando-se por base os dados colhidos na visita, sobre o movimento do correio, custeio desta repartição, etc.”. O aparato de focalizar as atividades, tanto no interesse, como em situações que os alunos possam a vir utilizar em sua vida cotidiana, era algo que se pretendia alcançar (*Ensino de Geographia local...* 1925, p. 82).

Outro artigo encontrado na Revista e intitulado “Um processo novo para ensinar – Methodo de Projectos” discorre a referência desse novo método como um

mecanismo educacional adotado nas escolas da Alemanha e também dos Estados Unidos. O texto reforça, como observado nos artigos anteriores, a orientação de vinculação às lições ao interesse do aluno a fim de proporcionar seu desenvolvimento intelectual (*Um processo novo...* 1925).

O texto se debruça em um projeto de uma escola estadunidense sobre o Brasil e a produção de café e borracha. Percebe-se um interesse por elementos de produção agrícola. A proposta do projeto era formar alunos para compreender a exploração dessas matérias primas no Brasil. No decorrer das aulas, de modo fictício e encenado, a proposta do artigo indicava a formação de uma associação comercial para esses fins. Os alunos, com intuito de conhecer a cultura brasileira, tinham a necessidade de pesquisar sobre o país e, como indicação da atividade, recomendaram a viagem de um membro desta associação para o próprio país. Os problemas de matemática apontam para uma aritmética que intentava avaliar questões financeiras sobre passagens, gastos com roupas adequadas, hospedagem, e ainda, questões relativas à moeda brasileira e ao câmbio. Os problemas estavam vinculados a uma matemática comercial e a situações reais (*Um processo novo...* 1925).

Nesse ano de 1925, a Revista do Ensino publica componentes de ensino ligados aos projetos. A aritmética se apresenta de forma tímida, mas relacionada à resolução de problemas sobre comércio, aplicáveis a situações possivelmente reais, situações do cotidiano dos alunos, ligados principalmente aos preceitos escolanovista. Nesse sentido, os problemas aritméticos emergem a partir de uma cultura escolar vinculada à Escola Nova.

## **Os Problemas Aritméticos na revista mineira em 1926 e 1927**

Em 1926, analisam-se seis artigos de uma sequência didática de aulas de aritmética de autoria da professora Vitália Campos. Os quatro primeiros artigos, referindo-se à ordem cronológica das fontes, possuem o mesmo título “Como se faz uma Lição de Arithmetica”. Os dois últimos, nomeiam-se “Lição de Arithmetica”.

Vitalia Campos, em seu trabalho perante a Revista de Ensino, tem um papel importante na divulgação de como ensinar aritmética para o ensino primário da época. Suas contribuições envolvem a escrita sobre o ensino de contagem

numérica, das quatro operações elementares e das frações. Nesse caminho, observa-se a presença de uma sequência a ser seguida nessas aulas-modelo.

A primeira lição de 1926 especifica conteúdos que os alunos deveriam aprender no início do primeiro ano do ensino primário. A aula dispõe, como aporte material e pedagógico, a utilização das Cartas de Parker. A partir da apresentação e interação dos alunos com esse material, a professora introduziria o ensino de contagem numérica dos números um a nove (Campos, 1926a).

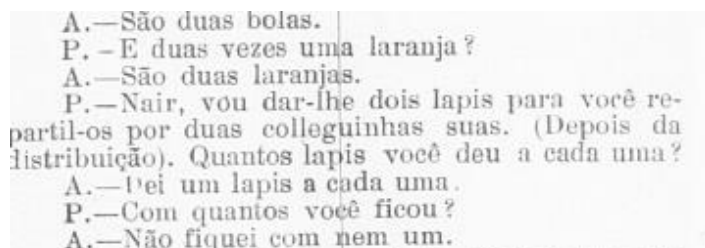
De acordo com Valente e Pinheiro (2015, p. 27) “As cartas de Parker constituem um conjunto de gravuras/quadros/tabuadas cujo fim é o de auxiliar o professor a conduzir metodicamente o ensino, sobretudo, das quatro operações fundamentais”. Esse material didático estava ligado ao Método Intuitivo, corrente pedagógica instituída em meados do século XIX a fim de contrapor o ensino tradicional. Algumas das características dessa vaga pedagógica são descritas por Valdemarin (2017), como ensino baseado no concreto, experimental e no método ativo, respaldada no olhar e na observação, um ensino a partir dos sentidos. A elaboração de novos materiais e manuais didáticos ganha força naquela época.

As Cartas de Parker, para esta atividade, eram descritas como cartões que continham círculos pretos de diferentes quantidades e configurações. A professora tinha a obrigatoriedade de relacionar esses círculos a elementos e objetos simples do cotidiano do aluno. Logo, para apresentação numérica, exibe-se, de modo intuitivo, o ensino de adição pela soma de elementos, subtração na hipótese de retirada dos mesmos e, também, multiplicação. À medida que os números aparecem na lição, questões de adição, subtração e multiplicação vão ganhando forma, sequencialmente (Campos, 1926a).

Ao final desta aula, para memorização do aprendizado, a professora colocaria sobre a mesa grupos de objetos e seus alunos teriam que identificar, perante a Tabela de Parker, os números respectivos. A professora ainda designaria alguns alunos para “imitá-la”, pois estes teriam que fazer perguntas pertinentes à aula para os demais estudantes e, portanto, a avaliação do aprendizado também se daria desta forma (Campos, 1926a).

De fato, as orientações iniciais não propõem o ensino imediato dos problemas, contudo, a forma como esse ensino é proposto, por meio do diálogo entre professora e alunos traz uma ideia de problemas a serem resolvidos. Logo, é possível perceber essa articulação na imagem abaixo:

Figura 1: Proposta de ensino por meio do diálogo



A.—São duas bolas.  
P.—E duas vezes uma laranja?  
A.—São duas laranjas.  
P.—Nair, vou dar-lhe dois lapis para você repartil-os por duas colleguinhas suas. (Depois da distribuição). Quantos lapis você deu a cada uma?  
A.—Dei um lapis a cada uma.  
P.—Com quantos você ficou?  
A.—Não fiquei com nem um.

Fonte: Campos (1926a, p. 25)

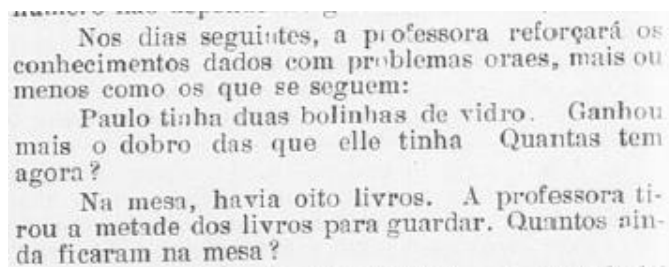
Esse excerto, retirado da revista, expõe uma interrogação proposta pela professora. É possível identificar elementos desconhecidos e uma relação indagadora aos alunos a fim de responderem à questão dada. O problema, neste caso, se integra como um dos elementos específicos, como um método para o ensino da aritmética (Campos, 1926a).

Outros dois artigos de Vitália Campos subsequentes, das edições de fevereiro e março da Revista do Ensino do ano de 1926, se complementam em relação ao seu conteúdo. A segunda lição era continuidade da primeira, agora, implementando a relação de repartição da divisão, metade e terça parte, com relação direta à multiplicação.

Os problemas aritméticos aparecem de forma mais explícita, nessa segunda aula-modelo, para reforçar o aprendizado ao final dos conteúdos. Os problemas que apareciam como finalizações das aulas tinham objetivo de avaliar o aprendizado. Os textos dos problemas eram compostos por enunciados sempre com foco central a elementos concretos e simples (como mesa, parede, goiabeira, entre outros), e possuíam informações numéricas claras sobre uma pergunta final a ser respondida. A professora aspirava sempre por uma resposta completa do aluno, pois, em futuras aulas, de acordo com Campos (2016b), há indicações que os problemas orais poderiam se transformar em problemas escritos.



Figura 2: Problemas aritméticos nas aulas de Campos



Nos dias seguintes, a professora reforçará os conhecimentos dados com problemas orais, mais ou menos como os que se seguem:

Paulo tinha duas bolinhas de vidro. Ganhou mais o dobro das que elle tinha. Quantas tem agora?

Na mesa, havia oito livros. A professora tirou a metade dos livros para guardar. Quantos ainda ficaram na mesa?

Fonte: Campos (1926b, p. 43)

Logo, os problemas estavam presentes em forma de diálogo para exemplificar como os professores mineiros poderiam executá-los em suas aulas, e com isso, os mesmos auxiliariam o ensino de contagem e operações dos números de forma implícita, como também, um meio de reforço e verificação dos conteúdos, ao final da aula, explicitamente.

A lição intuitiva é professada pelo mestre numa linguagem apropriada à idade dos alunos. Dada sob a forma de diálogo, ela apela à espontaneidade das crianças numa troca animada de perguntas e respostas, suscitadas de uns para os outros, provocando e dirigindo a atividade das faculdades intellectuais. [...] Sua característica distintiva, que é a característica geral específica do método, é partir da observação direta e imediata, para fazer as crianças raciocinarem na presença do fato observado (Valdemarin, 2017, p. 115, citado em Delon & Delon, 1913, p. 12).

O diálogo dá tom aos problemas aritméticos orais como um método de ensino de matemática de início, contudo, mais adiante, os problemas aritméticos passariam ao papel, de forma escrita.

Na terceira aula de Campos (1926c), constatam-se ainda, outros conceitos para o ensino de aritmética, como as representações de triplo e terça parte, quádruplo e quarta parte, no decorrer da proposta. Compreende-se também a veiculação do conceito de adição de números fracionários. Ao final desta atividade, a autora indica considerações que podem auxiliar demais docentes em suas aulas, como a elaboração de problemas que fazem alusão à soma de frações e resto de uma divisão, para incorporar o aprendizado do aluno e aproximá-lo do mundo real.

Nos últimos três trabalhos escritos por Vítalia Campos, a autora introduz os algoritmos das quatro operações elementares em suas aulas, sem abandonar a utilização das Cartas de Parker. É possível observar a permanência dos diálogos para o ensino de aritmética como também a utilização de problemas para reforçar a

aprendizagem, o raciocínio, aproximando os alunos a questões do cotidiano. Os problemas aparecem a partir dos discursos associados professor-aluno. Ao longo da orientação da professora, compreende-se o caminho percorrido, partindo do concreto e da observação com elementos do cotidiano, caminhando ao algoritmo multiplicativo, visto como um mecanismo operador (Campos, 1926d; 1926e; 1926f).

Ressalta-se que, na quinta publicação de Campos (1926e), há indicação tanto de exercícios como de problemas aritméticos. Os problemas seriam aplicações das “taboas” de multiplicar, indicando problemas com a tabuada do número dois. Já os exercícios se configuram como formas de exercitar e elaborar tanto a tabuada do número dois, como as demais. O exercício que aparece ao final da atividade era a produção da “Taboa de Pythagoras” (Campos, 1926e).

Por fim, no ano de 1927 não foram encontrados artigos educacionais com alusão ao ensino dos problemas aritméticos. As publicações desse ano focalizaram no Primeiro Congresso de Instrução Primária em Minas Gerais. Essa conferência tinha o objetivo de reformular o programa de ensino primário vigente. Os artigos dissertavam principalmente sobre as “theses” discutidas no Congresso e, conseqüentemente, as aulas-modelo para divulgação e formação docente foram deixadas para outro momento.

## Considerações Finais

Retomando a pergunta norteadora desta comunicação “em que medida os problemas aritméticos publicados na Revista do Ensino se aproximam das novas referências pedagógicas brasileiras da época?”, e analisando os artigos da Revista do Ensino que tinham como propósito discutir o ensino de aritmética por meio dos problemas, nos anos de 1925 a 1927, constata-se diferentes acomodações pertinentes aos problemas aritméticos e interligados, características do Método Intuitivo e da Escola Nova. Os problemas pertinentes ao Método de Projetos são mencionados de forma mais tímida, porém, integrados diretamente ao ensino de aritmética. Nos projetos mencionados neste trabalho, como o *Estudo do Japão* e a *Visita a uma casa em construção*, não há exemplos diretamente explícitos dos problemas nas páginas da Revista e nem os modos que deveriam ser ensinados e solucionados com os alunos. Apenas orientações sobre o tema, ao qual o problema

abordaria, eram explicitadas. Os problemas aludiriam sobre uma aritmética aplicada a possíveis elementos de interesse e cotidiano dos alunos, características associadas ao movimento escolanovista. Problemas relacionados a salário de operários, a troca em uma transição monetária, e questões financeiras sobre passagens, gastos de uma viagem, por exemplo, eram difundidos.

No ano de 1926, no conjunto de aulas das “Lições de Arithmética”, de Vitália Campos, os problemas são trabalhados pelos ideais do Método Intuitivo. Observa-se que o molde de estruturação, no qual a aula é descrita como um diálogo entre a professora e alunos com intuito de orientar as possíveis práticas das professoras primárias, traz indicações de utilização de problemas orais simples. Tais problemas aparecem de modo implícito, pois não são denominados de tal forma ao longo dos artigos educacionais. Entretanto, nos discursos, são elencadas as problemáticas a serem respondidas, dados numéricos são enunciados juntamente à observação de objetos ligados à vida dos estudantes. Outra caracterização dos problemas aritméticos, nos escritos de Campos, delineava-se nos problemas explícitos ao final das aulas. Tais problemas vinham como um meio de reforço e verificação da aprendizagem.

Nessas disposições, constata-se distintas concepções dos problemas aritméticos entre 1925 a 1927. Os artigos educacionais apresentam diferentes prescrições que serviriam de orientações para os professores primários mineiros e, nesse sentido, percebe-se a emergência de saberes envolta à cultura escolar ligada às referências do Método Intuitivo e da Escola Nova.

## Referências

- Bertini, L. de F., & Souza, A. F. (2021). Mas afinal o que são problemas? Uma análise histórica sobre mudanças em definições, finalidades e tipologias. *Revista de Ensino de Ciências e Matemática*, 12(5), 1–19.
- Biccas, M. S. (2008). *O impresso como estratégia de formação* Revista do Ensino de Minas Gerais (1925-1940). 1. ed. Belo Horizonte: Argumentum.
- Bin, A. C. (2012). *Concepções de conhecimento e currículo em W. Kilpatrick e implicações do método de projetos*. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Universidade de São Paulo.

Campos, V. (1926a). Como se faz uma Lição de Arithmetica. *Revista do Ensino*, 2(10), 24–29.

Campos, V. (1926b). Como se faz uma Lição de Arithmetica. *Revista do Ensino*, 2(11), 41–44.

Campos, V. (1926c). Como se faz uma Lição de Arithmetica. *Revista do Ensino*, 2(12), 85–89.

Campos, V. (1926d). Como se faz uma Lição de Arithmetica. *Revista do Ensino*, 2(13), 137–140.

Campos, V. (1926e). Lição de Arithmetica. *Revista do Ensino*, 2(15), 209–213.

Campos, V. (1926f). Lição de Arithmetica. *Revista do Ensino*, 2(16–17), 261–265.

Chartier, R. (2002). *A história cultural entre práticas e representações*. 2. ed. Rio de Janeiro: Berthand do Brasil.

Ensino de Geographia local e de Civismo. (1925). *Revista do Ensino*, 1(4), 82–83.

Estudo do Japão. (1925). *Revista do Ensino*, 1(3), 62.

Julia, D. (2001). A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, 1(1), 9–43.

Methodo Projecto. (1925). *Revista do Ensino*, 1(3), 60–61.

Michel Jr., R. R., & Costa, D. A. da. (2024). Estado do Conhecimento: um estudo histórico sobre os problemas aritméticos. *Educação Matemática Pesquisa*, 26(1), 539–567.

Um processo novo para ensinar: Methodo de Projectos (1925). *Revista do Ensino*, 1(4), 85–86.

Valdemarin, V. T. (2017). Método Intuitivo. In Saviani, D., de Almeida, J. S., de Souza, R. F., & Valdemarin, V. T. (Orgs.). *O legado educacional do século XIX*. São Paulo, SP: Autores associados.

Valente, W. R., & Pinheiro, N. V. L. (2015). Chega de decorar a tabuada! As Cartas de Parker e a Árvore de Cálculo na ruptura de uma tradição. *Educação Matemática Em Revista - RS*, 1(16).

Visita a uma casa em construcção. (1925). *Revista do Ensino*, 1(3), 63.